JUDICIÁRIO

STF reabre a galeria de fotos destruída no 8/1

Presidente da Corte, Rosa Weber ressalta que a mensagem é de respeito à democracia

» RENATO SOUZA

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



A galeria tem imagens de ministros que presidiram o Supremo: exaltação da história

O Supremo Tribunal Federal (STF) reinaugurou, ontem, uma galeria de ex-presidentes da Corte, que tinha sido destruída nos atos golpistas de 8 de janeiro. O espaço recebeu as fotos de três ministros que estiveram à frente do tribunal na pandemia: Cármen Lúcia, Dias Toffoli e Luiz Fux. Os magistrados foram homenageados na cerimônia.

A galeria, entregue pela presidente do Supremo, Rosa Weber, tem imagens de dirigentes do tribunal durante o período do império e da República.

Rosa Weber destacou que a mensagem é de respeito à democracia. "Desta galeria, a mensagem que recebemos é de respeito à Constituição e às leis e de aperfeiçoamento da instituição. É, sobretudo, como avanço civilizatório dos principais éticos que constituem a República Federativa do Brasil", discursou.

A ministra destacou os ataques cometidos por extremistas no começo do ano. "Minha alegria é inversamente proporcional ao entrar neste Salão Branco, onde estamos, no dia 8 de janeiro, o dia da infâmia, quando vândalos invadiram e destruíram esta Corte. Com este salão encharcado. Totalmente reconstruído este Salão Branco, continuamos exaltando a nossa história", completou.

Cármen Lúcia frisou que o STF permaneceu funcionando mesmo após o prédio ser vandalizado. "Os ataques no dia da infâmia, que chegaram à destruição da galeria, representaram a tentativa de destruírem o Supremo simbólico, que representa a Justiça e o Estado Democrático de Direito", disse. "O Supremo tem o dever de continuar lutando para que não abalem a democracia e o Estado Democrático de Direito."

O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, e a vice-governadora, Celina Leão, estiveram presentes. "A sensação é de alívio, de ver que está tudo reconstruído e funcionando. É saber que essa é a força das instituições. Vivemos em uma democracia, e as instituições têm de ser forte. Sempre lutei por isso e vou continuar lutando", enfatizou Ibaneis.

O ministro Luís Roberto Barroso relembrou a cena que viu ao chegar ao prédio após os atentados. "Andamos sobre escombros, madeira, cacos, tecidos. Em uma noite assustadora. É um momento muito especial estarmos de volta", frisou. "Podem destruir o prédios, móveis, equipamentos, mas não são capazes de nos alcançar, pois o que representamos é intangível, representamos o bem e a Justiça no mundo dos homens."

Marco temporal

Em visita ao Vale do Javari, no Amazonas, na terça-feira, Rosa Weber afirmou que vai pautar, até junho, o julgamento do marco temporal das terras indígenas. A apreciação do tema foi interrompida por um pedido de vista (mais tempo para análise) do ministro Alexandre de Moraes.

Até agora, o julgamento está empatado por 1 x 1. A tese, se aprovada pela Corte, determina que só podem ser demarcadas terras que estavam ocupadas pelos indígenas em 5 de outubro de 1988, data que foi promulgada a Constituição.

CB.PODER

Espera por mais prazo para recadastrar armas

» DENISE ROTHENBURG
» RAPHAEL PATI*

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O deputado Alberto Fraga é o presidente da bancada da bala

O deputado Alberto Fraga (PL-DF) disse acreditar que o ministro da Justiça, Flávio Dino, atenderá propostas da Frente Parlamentar da Segurança Pública da Câmara, conhecida como bancada da bala. Ele preside o grupo, que se reuniu com o titular da pasta na última terça-feira.

Entre os principais pontos que os parlamentares levaram para Dino está o tempo para recadastramento de armas, de 60 dias, considerado insuficiente pelo grupo. O deputado mencionou que, em 2003, o mesmo processo podia ser feito em até seis anos.

"Acredito que ele vai prorrogar (o prazo), nós propusemos que ele 'dilatasse' um pouco esse tempo. Não somos contra o recadastramento", destacou Fraga, em entrevista ao programa *CB.Poder*, parceria entre o **Correio** e a TV Brasília.

Portaria do governo, de 1º de fevereiro, fixou prazo de 60 dias para que armas de uso permitido ou restrito sejam cadastradas no Sistema Nacional de Armas (Sinarm), disponibilizado pela Polícia Federal.

Outro tema defendido pela bancada da bala é uma atenção especial aos lojistas que comercializam armas de fogo. Segundo Fraga, 80% dessa categoria está na inadimplência. "Cento e cinquenta mil demissões já aconteceram nesse setor. Despachantes, instrutores, empregados das lojas. É uma cadeia que está sendo mexida", ressaltou.

"Ele (Dino) disse que viu isso com muita simpatia. O que eu gostei é que ele não se considerou o 'dono da verdade'. Disse que ia analisar ponto a ponto e que iria nos dar uma resposta na terça-feira (28)", acrescentou Fraga.

Sobre a política adotada pelo governo Bolsonaro de flexibilizar o acesso dos cidadãos a armas de fogo para defesa pessoal, o deputado acredita que a medida foi importante para a redução do número de assassinatos no país. "Vivíamos em um patamar de 60 mil homicídios no Brasil. Com essa liberação, vou dizer, 'flexibilização', reduzimos para 40 mil — que ainda é muito —, mas 20 mil vidas foram salvas."

O parlamentar ainda comentou a respeito da atuação do crime organizado e dos ataques violentos cometidos por facções no Rio Grande do Norte. Na avaliação dele, é preciso endurecer as ações e isolar os líderes dos grupos que agem de dentro dos presídios, para impedir novas investidas.

"Quando chega a esse ponto, está nítido que o Estado foi engolido pelo crime organizado. Acho um absurdo uma facção organizada, de dentro do presídio, comandar esses ataques. Fui o autor da lei que tornou crime o ingresso de celular nos presídios, mas continua acontecendo", criticou.

***Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa**

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

Sincericídio de Lula é prato feito para a oposição

Shahriar era o rei da Persia, cujo império se estendia até a Índia e a China. Vendo-se enganado por sua esposa, ele se convence de que ninguém será fiel a ele; por isso, durante três anos, ele toma uma esposa à noite e manda executá-la na manhã seguinte, até se casar com a filha de seu vizir, Scherezade, notável por sua beleza e inteligência.

Por mil e uma noites seguidas, Scherezade recita um conto para ele até o amanhecer, tomando o cuidado de criar um suspense e deixar o desfecho para a noite seguinte. Ansioso para saber o final da história, Shahriar deixa a princesa viver mais um dia.

O pai da princesa Scherezade, Jafar, era o responsável pelas execuções. Até que chegou o dia em que todas as mulheres solteiras do reino foram executadas ou fugiram. Para livrar o pai de uma retaliação, por não encontrar mais uma noiva para o rei, Scherezade se oferece para se casar com Shahriar.

Inutilmente, o vizir tenta convencer a filha: "Aquele que não sabe adaptar-se às realidades do mundo sucumbe infalivelmente aos perigos que não soube evitar. Aquele que não prevê a consequência dos seus atos não pode conservar os favores do século", adverte-a.

Nem chegou às 100 noites de seu novo governo e o presidente Lula se depara com a situação descrita pelo vizir: não está sabendo se adaptar às novas realidades do mundo, corre perigos que poderia evitar e parece não medir as consequências de suas declarações. Na quarta-feira, na entrevista que deu aos jornalistas Leonardo Attuch, Helena Chagas, Tereza Cruvinel e Luís Costa Pinto, na TV 247, a primeira que concedeu ao vivo, atravessou a rua para escorregar na casca de banana.

Muito à vontade, pois estava entre profissionais que o apoiaram na eleição, Lula não se deu conta de que não era um programa gravado e editado, no qual pudesse falar em off, como é comum entre os políticos. Ao comentar sua prisão, disparou: "De vez em quando, um procurador entrava lá de sábado, ou de semana, para visitar, se estava tudo bem. Entravam três ou quatro procuradores e perguntavam 'tá tudo bem?'. Eu falava 'não está tudo bem. Só vai estar bem quando eu foder esse Moro'. Vocês cortam a palavra 'foder' aí…".

Liderança moral

Já era tarde, a frase viralizou nas redes e explicitou um ressentimento que Lula mal consegue esconder. Pior, coincidiu com uma operação realizada por Polícia Federal, Ministério Público e Polícia Civil de São Paulo, com a participação da Polícia do Senado, para desbaratar um grupo de nove criminosos escalados pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) para sequestrar e matar o ex-juiz e senador Sergio Moro (União Brasil-PR), a deputada Rosangela Moro (União Brasil-SP), sua esposa, e o promotor paulista Lincoln Gakiya, entre outras autoridades e servidores públicos.

O bombardeio bolsonarista contra Lula ontem foi intenso, ligava a declaração à investigação da PF. O ministro da Justiça, Flávio Dino, teve até que dar uma entrevista repudiando as ilações: "Eu fico espantado com o nível de mau-caratismo de quem tenta politizar uma investigação séria, tão séria que foi feita em defesa da vida e da integridade de um senador de oposição ao nosso governo", disse.

Na mesma entrevista, comentando a Lava-Jato, Lula acusou os Estados Unidos de fomentar as investigações e defendeu as empresas denunciadas na operação da força-tarefa de Curitiba: "Tenho consciência de que a Lava-Jato fazia parte de uma mancomunação entre o Ministério Público brasileiro, a Polícia Federal brasileira e a Justiça americana, o Departamento de Justiça", para arrematar: "Era para destruir. Porque as empresas da construção civil brasileira estavam ocupando espaço no mundo inteiro".

"Quem fala demais dá bom-dia a cavalo", diz um velho ditado mineiro. As declarações tiveram péssima repercussão, inclusive internacional. Lula exumou politicamente a Operação Lava-Jato, que foi encerrada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), mas ainda tem muito apoio popular. Jurado de morte pelo PCC e agredido por Lula, quem fez do limão a limonada foi Sergio Moro, que ressuscitou seu velho projeto de endurecimento das penas contra o crime organizado, elaborado quando era ministro da Justiça de Bolsonaro.

Até ontem, Moro era uma figura apagada no Senado, onde circulava como quem havia caído de um caminhão de mudanças. Virou a estrela do dia, recebeu a solidariedade de todos os pares, inclusive do líder do governo, senador Jaques Wagner (PT-BA), constrangido pelas declarações de Lula. Moro voltou a empunhar a bandeira da ética na política e de um ator relevante na disputa pela liderança moral da sociedade, que é o maior desafio do governo Lula.

